

ADESÃO AO TRATAMENTO ANTI-HIPERTENSIVO DA EQUIPE DE ENFERMAGEM DE UM HOSPITAL GERAL DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS – SP

Keila dos Santos Mariano Nolasco; Josiane Lima de Gusmão (orientadora) - Enfermagem.
Keila.nolasco@edu.ung.br

Palavras-chave: Hipertensão arterial. Adesão ao tratamento. Trabalhadores de enfermagem.

A hipertensão arterial é uma doença altamente prevalente que atinge 30% da população adulta no Brasil. É um problema de saúde pública mundial, apontada como maior fator de risco para o desenvolvimento de doenças cardiocerebrovasculares, sendo a adesão ao tratamento fundamental para a prevenção de agravos. É importante ressaltar seu impacto na saúde do trabalhador, uma vez que é responsável, também, por absenteísmo, aposentadoria precoce e incapacidade para o trabalho. Apesar da importância dessa temática, poucos estudos têm se dedicado à adesão ao tratamento anti-hipertensivo na equipe de enfermagem. Sendo assim, o presente estudo tem por objetivo avaliar a adesão ao tratamento anti-hipertensivo de trabalhadores da equipe de enfermagem com diagnóstico de hipertensão de um hospital de grande porte de São José dos Campos - SP, por meio do teste de Moriski-Green e pelo controle da pressão arterial, e identificar as razões de não adesão. Para tanto, foi realizado um estudo exploratório, descritivo e retrospectivo com abordagem quantitativa, utilizando dados do banco do estudo primário “Avaliação de Saúde dos Trabalhadores de um Hospital Geral de São José dos Campos – SP”. Foram selecionados os dados pessoais, profissionais, estilo de vida, morbidade referida, avaliação da adesão ao tratamento e exame físico de trabalhadores de enfermagem que referiram ser hipertensos. Os resultados mostraram que 43 trabalhadores referiram ter hipertensão arterial caracterizando uma prevalência de 13,2%. A idade média foi de $44,5 \pm 10,1$ anos, 86,0% eram do sexo feminino, 55,7% casados/amasiados e 48,8% brancos e renda familiar de $4,9 \pm 2,9$ salários mínimos. A maioria dos tra-

balhadores de enfermagem referiu não ingerir bebida alcoólica (69,7%), não fumar (72%), não adicionar sal aos alimentos (95,3%) e utilizar temperos naturais (65,1%). A maioria era sedentária (55,7%). A média de IMC foi de $30,8 \pm 5,3$ kg/m², sendo que a maioria dos trabalhadores estava na faixa de obesidade (53,4%) e 27,9% de sobrepeso. Dentre as mulheres, 81% estavam com a circunferência abdominal aumentada e, dentre os homens, 66,6%. Em relação à pressão arterial 32,5% dos trabalhadores não estavam com a pressão controlada no momento da medida. Aproximadamente 84% referiram fazer tratamento medicamentoso, sendo que a maioria (72,2%) usava monoterapia. Mais da metade da amostra (51,1%) foi considerada não aderente pelo teste de Moriski-Green e apenas 13,9% foram considerados aderentes. Catorze trabalhadores referiram não ter aderido em algum momento ao tratamento medicamentoso, sendo as principais razões “esquecimento” (64,3%) e “remédios caros” (28,6%). Dezesete trabalhadores referiram alguma falta à consulta médica, sendo as principais razões “esquecimento” (64,7%) e “para não faltar ao trabalho” (47,1%). Conclui-se que a taxa de adesão ao tratamento anti-hipertensivo entre os trabalhadores é baixa e a principal razão de não adesão é o esquecimento.

Projeto elaborado com o apoio do Programa Institucional de Iniciação Científica da Universidade Guarulhos – PIBIC-UnG, (Rodada I-2012).

Aprovação do CEP da Universidade de Taubaté - parecer nº 556/11.